AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O USO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: DISCUSSÕES PRELIMINARES NA ÁREA DA SAÚDE – O CURSO DE ENFERMAGEM

Amanda Delibório, Adriana Aparecida de Lima Terçariol

Universidade do Oeste Paulista- UNOESTE, Mestrado em Educação, Presidente Prudente, SP. E-mail: amandadeliborio@gmail.com

RESUMO

Num mundo contemporâneo e globalizado em que as tecnologias estão inseridas em todos os contextos, pode-se detectar também o avanço do uso dessas novas tecnologias no ensino. Assim, os ambientes virtuais de aprendizagem e sua efetividade na ação docente, torna-se uma nova perspectiva nas relações interpessoais e no processo de ensino e aprendizagem de cursos ofertados em diversas áreas, em especial, na saúde. Nesse cenário, o objetivo deste artigo é discutir o uso de ambientes virtuais de aprendizagem como uma ferramenta que instiga a ressignificação das práticas pedagógicas dos docentes dos cursos superiores, em especial, de Enfermagem.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, Ensino e Aprendizagem, Práticas Pedagógicas, Formação Docente.

EDUCATIONAL PRACTICES AND THE ENVIRONMENT OF USE VIRTUAL LEARNING: PRELIMINARY DISCUSSIONS IN THE HEALTH AREA - NURSING COURSE

ABSTRACT

A contemporary, globalized world where technologies are embedded in all contexts, it can also detect the advance of the use of these new technologies in education. Thus, virtual learning environments and their effectiveness in teaching activities, it becomes a new perspective on interpersonal relations and the process of teaching and learning courses offered in various fields, especially in health. In this scenario, the objective of this article is to discuss the use of virtual learning environments as a tool that instigates the redefinition of the pedagogical practices of teachers of higher education, particularly in nursing.

Keywords: Information and Communication Technologies, Virtual Learning Environments, Teaching and Learning, Pedagogical Practices, Teacher Training.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual a qual estamos inseridos tem sido marcada pela velocidade das informações, e por importantes transformações tecnológicas. Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo formuladas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre homens, o trabalho e a própria inteligência dependem da mutação dessas e de outras relações (LÉVY, 2002). Essa nova condição nos impõe uma postura nos processos de trabalho, na cultura, na sociedade e também na educação.

No âmbito educacional surgem novas práticas e recursos que estão sendo repensados e utilizados para facilitar e auxiliar no trabalho do docente e também no aprendizado de seus alunos, se trata de uma troca de princípios da hierarquia, em que o professor é o detentor do conhecimento, para a participação social e a interação.

O uso da tecnologia assume um papel importante nas discussões acerca da Educação. Em pesquisas recentes, observa-se que nesse novo movimento, o uso das ferramentas tecnológicas na prática docente tem sido motivo de questionamentos e reflexão na atuação do mesmo.

As novas tecnologias e o uso dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), tornam-se desse modo importantes aliados à educação, especialmente, às práticas pedagógicas dos professores. Almeida (1999) e Schlunzen (2000) destacam que uma ação pedagógica aliada às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), favorece uma mudança de postura de todos os sujeitos envolvidos, ou seja, à busca de atualização e da aprendizagem e o desenvolvimento de novas competências.

Nessa vertente, pretende-se com este artigo realizar um percurso histórico pelas concepções da educação superior e ensino de Enfermagem, chegando à atual sociedade da informação e do conhecimento, na qual o uso dos AVA se faz presente nas práticas pedagógicas, em especial, na área da saúde, implicando a sua ressignificação.

1. O ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM - PERCURSO HISTÓRICO

A Enfermagem vem avançando continuamente nas perspectivas científicas e no ensino, sem deixar de lado seu aspecto humanitário, característico da profissão enfermeiro (a). Enquanto campo de conhecimento, a enfermagem, em seu percurso histórico apresenta traços revelados pelo contexto social, político e cultural evidenciados em cada período até a sua implantação no ensino. Germano (1985) explicita que a mesma era exercida com base em conhecimentos empíricos, os cuidados aos doentes eram realizados por religiosos e voluntários, e somente após algum tempo, fundaram-se as primeiras Santas Casas de Misericórdia, com o intuito de abrigar

pobres órfãos e enfermos miseráveis, propondo um atendimento, exclusivamente, curativo e não preventivo.

Geovannini et al (2002) revela que, o ensino era realizado em instituições religiosas desprovidas de um programa formal de aprendizado teórico e prático, e é por meio de um modelo médico/hospitalar, que em 1980 se inicia no Brasil, no Rio de Janeiro, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE).

O ensino em Enfermagem seguiu às determinações da Reforma Universitária, que, em síntese, estavam dirigidas para a formação de maior número de profissionais e reestruturação de um novo currículo mínimo, formalizada pelo Parecer nº 163/72 e Resolução 4/72 do então Conselho Federal de Educação. Essas determinações direcionaram um currículo voltado para o modelo individualista e hospitalocêntrico, centrado na cura de doenças, por meio do uso de medicamentos, marcado por uma visão tecnicista da saúde, dificultando a compreensão dos determinantes sociais do processo saúde/doença (GERMANO, 2003).

Com a Primeira Guerra Mundial, pode-se observar uma dicotomização da medicina em relação às associações religiosas, ocasionando a expansão dos programas de educação em Enfermagem e em 1923 é criada, no Rio de Janeiro, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, a atual Escola Ana Nery (ITO et al, 2006). A partir disso, novas formulações foram realizadas no Ensino Superior em Enfermagem.

Cabe salientar que, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) trouxe algumas responsabilidades para o ensino Superior, para os discentes, docentes e sociedade como um todo. A universidade como instituição educativa, conforme a LDB, nº 9.394/96, e seu art. 43, tem o papel de formar o estudante com criticidade, propiciando momentos de reflexão e o desenvolvimento da capacidade de indagação na construção do saber, buscando como posterior resultado sua atuação na sociedade moderna, como integrante, participante e usuário dos avanços que esta possibilita (BRASIL, 1996).

Atualmente, outra formulação foi implementada na Enfermagem, a partir da Resolução CNE/ CES nº 3, de 7 de novembro de 2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Essas diretrizes definem sobre a formação do profissional enfermeiro, prevendo a formação do futuro profissional, a partir do desenvolvimento de competências e habilidades relativas à saúde, e a questões de liderança, educação permanente, administração, e outras (BRASIL, 2001).

Apesar de novas formulações e propostas no ensino em Enfermagem, diante do resgate histórico apresentado, percebe-se ainda hoje, que são diversos os cursos de graduação em

Enfermagem que parecem possuir um caráter tecnicista de ensino, devido às práticas desarticuladas com uma prática reflexiva dos docentes.

Formar o docente com uma prática reflexiva é de grande importância para a atuação de um professor, pois quando estiver em ação esse profissional refletirá as ações que vivenciou em seu período de formação, ou seja, retomando no ensino superior a aprendizagem ou metodologias experienciadas, por isso, faz-se necessário uma ressignificação das práticas e dos saberes docentes.

Pimenta e Ghedin (2006) reforçam a ideia de que a experiência docente é espaço gerador e produtor de conhecimento, mas isso só é possível se existir uma postura crítica do educador sobre as próprias experiências. A reflexão dos conteúdos trabalhados, a maneira como se trabalha, a postura frente aos educandos, diante do sistema social, político, econômico, cultural. Ainda acrescentam que:

Fundar e fundamentar o saber docente na práxis (ação- reflexão-ação) é romper com o modelo “tecnicista mecânico” da tradicional divisão do trabalho e impor um novo paradigma epistemológico capaz de emancipar e “autonomizar” não só o educador, mas, olhando-se a si e à própria autonomia, possibilitar a autêntica emancipação dos educandos, não sendo mais um agente formador de mão-de-obra para o mercado, mas o arquiteto de nova sociedade, livre e consciente de seu projeto político (PIMENTA; GHEDIN, 2006, p. 135).

Para Schon (1992) devemos desencadear uma formação profissional apoiada na epistemologia da prática, isto é, na valorização da prática profissional como construção do conhecimento, a partir da reflexão, análise e problematização, e o reconhecimento do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em atuação docente. Nesse sentido, pensamos que para a formação do professor reflexivo, faz-se necessário o rompimento com o paradigma da racionalidade técnica e burocrática que tem regido muitas das práticas pedagógicas dos docentes nos cursos de ensino superior, em especial, na área da saúde.

Nesse contexto, a integração de recursos tecnológicos aos projetos pedagógicos dos cursos de Enfermagem, especialmente, as tecnologias utilizadas na modalidade a distância, como é o caso dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, colocam novos desafios aos docentes dos cursos superiores em especial aqueles que atuam na saúde ou cursos de Enfermagem, levando-os a reverem suas práticas e saberes.

2. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O USO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM NA ENFERMAGEM

Segundo Veiga (1992) a prática pedagógica é uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma “dimensão da prática social” (VEIGA, 1992, p. 16). É uma prática social, pois acontece em um espaço de tempo, se dá entre as relações interpessoais e está carregada de aspectos socioculturais de uma sociedade.

Sendo assim, a prática pedagógica deve ser viabilizadora de uma prática social, ou seja, deve possibilitar ao profissional uma atuação que garanta um determinado nível de excelência em seu fazer cotidiano. A Educação transformadora ou libertadora proposta por Freire (1987) traz nesse sentido uma transformação social, em que os educadores são capazes de interagir no mundo em que vivem, modificando seu cotidiano, por meio da superação da dominação.

Freire (1997) no fim do século XX discutiu a Educação transformadora, que deve ser feita em profunda interação educador e educando. Para ele, é de extrema importância que ocorra e se estimule no ato educativo a reflexão crítica, a curiosidade científica, a criatividade e a investigação, espaço no qual o professor deve articular metodologias de ensino que se caracterizem pela variedade de atividades estimuladoras das competências e habilidades dos alunos.

Nessa perspectiva, pode-se destacar como ferramenta metodológica de ensino o uso das TIC, uma vez que a sociedade atual encontra-se num momento de amplo processo de transformação, no que diz respeito a intensificação do acesso à comunicação e à informação. Trata-se da sociedade do conhecimento, em que esta se encontra em constante aprendizagem e em rumo da construção de novos conhecimentos.

Moran, Maseto e Behrens (2000) ao destacar a influência das tecnologias no ensino alertam que:

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só das tecnologias já teríamos achado as melhores soluções a muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões a fundo. Ensinar e aprender são desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento (MORAN, MASETO e BEHRENS, 2000, p. 12).

Assim, a interatividade coloca-se como grande e importante desafio na construção do saber. Para Belloni (2003), o distanciamento entre professores e alunos no tempo e espaço proporciona dentro do processo de ensino e de aprendizagem na modalidade educação a distância, por exemplo, a comunicação entre ambos nesse percurso, por meio do uso de tecnológicas, como os ambientes virtuais. Em geral a comunicação entre alunos e docentes nesses espaços ocorre nos fóruns de discussões, e-mails, mural de avisos, entre outras ferramentas.

Schlunzen (2000) ressaltam que uma ação pedagógica articulada às TIC, favorece uma mudança de postura de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Sendo assim, novas perspectivas surgem ao processo pedagógico, no qual a disseminação e uso de novas tecnologias fazem vislumbrar uma ampliação no lócus educacional.

Nesse cenário, os ambientes virtuais de aprendizagem surgem como uma plataforma para a ampliação desses espaços educativos, o que requer do educador o desenvolvimento de novas habilidades, domínio de interfaces e comunicação eficiente (FONSECA, 2010).

Por essas e outras razões, nos últimos anos, os AVA estão sendo cada vez mais utilizados em contextos educacionais. Nesses espaços, a qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aluno, dos materiais veiculados, da proposta pedagógica, da qualidade da atuação dos professores, monitores e também das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente.

O ambiente virtual de aprendizagem pode ser conceituado, conforme Silva (2003, p.62) como:

[...] a sala de aula online. É composto de interfaces ou ferramentas decisivas para a construção da interatividade e da aprendizagem. Ele acomoda o web-rodeiro com sua trama de conteúdos e atividades propostas pelo professor, seja individualmente, seja, colaborativamente.

Contudo, as novas tecnologias e o uso dos AVA são importantes não somente na sociedade, na educação, como também na prática pedagógica dos professores. Conforme Souza et al(2004), esses espaços educativos são espaços de aprendizagem e implicam a condição da interatividade na práxis pedagógica.

Nesse contexto, numa sociedade em constante transformação, em que as tecnologias de informação e comunicação se fazem presentes, torna-se indiscutível que o professor de Enfermagem busque novas estratégias ou novos recursos que permita inovar e ressignificar sua prática, visando à formação de futuros profissionais da saúde mais sintonizados com as novas ferramentas e espaços educativos que o mundo moderno oferece.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias digitais juntamente com internet fizeram emergir um novo paradigma social e educacional. Vivemos em uma nova era, em que o espaço físico da sala de aula deixa de ser o único local para a construção do conhecimento e para a preparação do indivíduo para a vida.

Na sociedade da informação e do conhecimento a tecnologia aplicada ao ensino amplia os espaços de aprendizagem, oferecendo acesso a diversos objetos de aprendizagem. Por meio dos ambientes virtuais, pode-se lançar mão de novas metodologias, inovando e incrementando o trabalho docente.

Porém, para que isso se torne uma ferramenta utilizável de maneira efetiva, é necessário que haja uma reflexão dos docentes, a cerca de suas ações e de suas práticas, enquanto formadores de futuros profissionais e cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini. **Informática e Formação de Professores**. Brasília: Ministério da Educação. 1999.

BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos Tarcísio.; MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. 5.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: < http://planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em novembro de 2014.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior**. Resolução CNE/CES nº3, de 7 de nov. 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União. Brasília, 2001. Disponível em : < <http://www.mec.gov.br>>. Acesso em jul. 2015.

FONSECA, Roberto Carlos. **A prática docente a partir da interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem**. São Paulo, 2010. Disponível em: <www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_pdf_doc/2010/2010_2462010193600.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GERMANO, Raimunda Medeiros. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. São Paulo (SP): Cortez, 1985.

_____. **O ensino de enfermagem em tempos de mudança**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v.56, n.4, p.365-368, jul./ago., 2003.

GIOVANINI, Telma; MOREIRA, Almerinda; DORNELLES, S; MACHADO, Willian C.A. **História da enfermagem**: versões e interpretações. Rio de Janeiro (RJ): Revinter; 2002.

ITO, Elaine M. et al. **O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais**: utopia x realidade. Revista Escola de Enfermagem USP, v.40, n.04, p. 570-575, 2006.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34; 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil**. Gênese e crítica de um conceito. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, António (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya. **Mudanças nas Práticas Pedagógicas do Professor: Criando um Ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo para Crianças com Necessidades Especiais Físicas**. 2000, 240 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), PUC – São Paulo, 2000.

SILVA, Marco. **Educação Online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.

SOUZA, Carlos Alberto; SPANHOL, Fernando José; LIMAS Jeane Cristina Oliveira; CASSOL, Marlei Pereira. **Tutoria na educação a distância**. In: Anais do 11º Congresso Internacional de Educação a Distância, 2004 Salvador. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004por/htm/088-TC-C2.htm>>Acesso em 5 jul.2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.